

# Impacto da pandemia no trabalho docente no ensino superior

*Impact of pandemic on teaching work in higher education*

**Jelson Budal Schmidt**

**Francielle Maes Lopes**

**Sabrina Luana Pereira**

**Resumo:** Considerando as mudanças ocorridas em toda a sociedade em decorrência da pandemia SARS-Cov-2 (Covid-19), a escolha deste tema ocorreu devido à relevância de fatores relacionados à pandemia com a rotina profissional da área docente. O objetivo deste estudo é conhecer a percepção de professores no ensino superior sobre a nova rotina docente em decorrência do SARS-Cov-2 (Covid-19). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de campo, com análise de conteúdo. Para coleta de dados foi aplicado questionário aos professores da Faculdade Guilherme Guimbala - FGG, localizada em Joinville/ Santa Catarina, tendo 36 participantes. Como resultado, constatou-se a falta de domínio dos profissionais docentes quando se trata do uso tecnológico para o ensino, mesmo com suporte básico ofertado pela instituição. Nota-se que é inexistente o apoio psicológico para com os docentes, o que é salientado pelos participantes. A demanda de trabalho foi elevada para dar conta das aulas remotas com o intuito de amenizar os prejuízos decorrentes desta nova forma de ensino. Reforça-se o fato de que há, ainda, poucos estudos neste campo, e esta pesquisa servirá de base para comparações futuras.

**Palavras-chave:** Ensino Superior; Trabalho Docente; SARS-Cov-2.

**Abstract:** Because of the changes that happened throughout society as a result of the SARS-Cov-2 (Covid-19) pandemic, the choice of this theme is because the occurrence of factors that happen during the routine of the teaching professional, who is always looking for solutions and improvements for teach in the best way. The objective of this study is to know the perception of teachers in the college about a new teaching routine as a result of SARS-Cov-2 (Covid-19). It is a qualitative, field research, with content analysis. For the collection, professors from Faculdade Guilherme Guimbala - FGG were asked, there were 36 professors participants. As a result, there was a lack of experience of teachers with technology for teaching, even with basic support offered by the college. Indeed that does not have psychological support for professors, which is concern of the participants. Now, for the professor the work grew up for mitigate the losses resulting from this new way of teaching.

**Keywords:** Higher Education; Teaching Work; SARS-Cov-2.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2020 começou e trouxe com ele um vírus que se espalhou rapidamente, o SARS-Cov-2 (Covid-19), conhecido popularmente como Coronavírus. Este vírus foi identificado primeiramente na China e, logo, atingiu o mundo inteiro, tendo o primeiro caso sido noticiado em fevereiro de 2020 no Brasil, tornando-se uma pandemia.

Este novo cenário acarretou diversas mudanças na rotina das pessoas, seja no campo pessoal, profissional ou de lazer, pois quanto mais o vírus se espalhava mais providências eram tomadas para conter este progresso. Assim, optou-se por não promover aulas presenciais, ocorreu o fechamento de escolas públicas e privadas em diversos níveis de ensino, sejam eles Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, além de Educação de Jovens e Adultos, Ensino Técnico e Superior.

Estas medidas resultaram na promoção de aulas remotas nos mais variados níveis, o que levou professores a buscar novas estratégias de ensino-aprendizagem de maneira veloz, pois a pandemia obrigou a ser rápida a transição das aulas presenciais para as aulas remotas, o que levou em busca de novas ferramentas para o ensino e com isso algumas demandas surgiram.

O uso da tecnologia, privação do contato com os estudantes, internet não acessível e, conseqüentemente, a não participação dos docentes nas aulas, além de outras situações, fazem parte da rotina do docente perante a pandemia, o que gerou mudanças, adaptações e estratégias diferenciadas.

Diante deste contexto, surge a curiosidade dos pesquisadores em descobrir como esta pandemia impacta o trabalho docente e o olhar da Terapia Ocupacional, como esta profissão pode auxiliar nas demandas que surgem nesta nova forma de executar esta ocupação humana e para isso é necessário conhecer quais foram estes impactos no trabalho do professor.

Assim, o objetivo da pesquisa foi conhecer a percepção de professores no ensino superior sobre a nova rotina docente em decorrência do SARS-Cov-2

(Covid-19). Deste modo, esta pesquisa apresenta algumas considerações sobre a pandemia, educação e o papel da Terapia Ocupacional, sobretudo no contexto educacional.

## PANDEMIA E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO

No término do ano de 2019 e início do ano de 2020, sites de estudos científicos e jornais começaram a mencionar um novo vírus que havia surgido na cidade de Wuhan, na China, com sintomas similares aos da gripe e do resfriado. Porém, após observarem que, apesar de seus indícios serem parecidos, a proliferação e os níveis de desenvolvimento desta enfermidade se apresentaram de forma alarmante. Logo, distinguiram por meio de pesquisas e estudos que este vírus não se tratava de uma gripe ou resfriado comum como os já conhecidos no campo da saúde, dando início a estudos mais aprofundados em busca de tratamento e prevenção adequados para o vírus.

Os autores WU, WU, LIU e YANG (2020) revelam que a transmissão se dá por gotículas respiratórias, sendo esta a principal rota de transmissão, podendo ser transmitido através de gotículas presentes no ar e contato. Os autores destacam ainda que deve ser dada importância para casos que não apresentam sintomas, pois podem desempenhar papel crítico na transmissão deste vírus.

De acordo com WU, WU, LIU e YANG (2020, p. 45- 46) “os aparecimentos clínicos podem ser leves, moderados ou graves, podendo modificar de paciente para paciente, após a pessoa ser contaminada os sintomas frequentes como febre, tosse e mialgia”. Estes autores citam que “alguns sintomas podem surgir dias depois, podendo também apresentar escarros, dor de cabeça, hemoptise e diarreia, ou até mesmo não se manifestar, que é o caso dos assintomáticos”.

Diante do exposto, torna-se importante a realização do distanciamento social, que foi sugerido por órgãos de referência na área a ser adotado pelo

governo e pelo ministério da saúde, para evitar possíveis contágios e a proliferação da SARS-Cov-2 (Covid-19), visto que este vírus se tornou uma pandemia devido a sua rápida disseminação. Mesmo com o distanciamento, segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (2020), já “foram confirmados no mundo 47.930.397 de casos de COVID-19 e 1.221.781 mortes até 5 de novembro de 2020”, resultando em mudanças repentinas no cotidiano de toda a sociedade, os quais de forma global não estavam instruídos e preparados para este novo contexto.

Com isto surgiram novas regulamentações, dentre estas se tem algumas voltadas ao ensino, tendo como foco manter as aulas à distância, em um esforço para garantir que os alunos não fossem prejudicados em seu aprendizado e não ocorresse um atraso no mesmo. Porém, devido às circunstâncias inesperadas, o docente e o aluno não estavam preparados para esta situação que gerou desconforto e cobranças de diversas partes: gestores, diretores, familiares e, em alguns casos, com as próprias instituições.

O direito à educação é garantido a todos por lei, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) e de acordo com nosso documento maior, a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), além de outros documentos que apoiam estas legislações. O autor Brandão (2007, p. 7) reconhece que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”.

Entende-se que a escola tem a função de proporcionar uma educação libertadora, para além do aspecto educacional, levando o professor não apenas a transferir conhecimento ao estudante, mas sim criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 2016). Assim, neste período de pandemia, fica comprometido prover este conhecimento em decorrência de muitos estudantes não terem acesso à internet e ao professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, o que pode fazer as pessoas questionarem sobre acreditar, ainda, na educação. Diante do exposto, Brandão (2007, p. 98)

apresenta algumas respostas como “a educação existe de mais modos do que se pensa [...] e alguns deles podem servir ao trabalho de construir um outro tipo de educação”.

Neste sentido, pode-se atribuir este outro tipo de educação ao desejo de criar uma educação efetiva e que atenda a todos dentro de suas necessidades educacionais. Esta linha de raciocínio pode ser empregada na atual situação em que nos encontramos, tendo que se reinventar em meio à pandemia, a fim de proporcionar a melhor entrega dos professores possível.

Por conta dos ocorridos devido à pandemia, faz-se necessário abordar sobre a Liberdade de cátedra, esta que preserva o direito do docente e do discente de ensinar e aprender, liberdade para se expressar e em conjunto criar novos conhecimentos. Liberdade significa independência para realizar determinada função ou escolha e cátedra, segundo Toledo (2017, s/p), “é expressão que deriva do latim e significa cadeira magistral ou doutrinária e teve a sua inspiração na influência da própria cadeira de São Pedro, a chamada *Cathedra*”. A autora ainda complementa que “por ser um símbolo da origem das palavras e conselhos magistrais, de sabedoria, razão que inspirou também ao paralelo com a atividade docente como um direito de defender suas ideias ou professar conhecimento”.

Com base no papel exercido pelo docente e, com a definição referente à liberdade de cátedra, compreende-se melhor os direitos quando falamos de aprendizagem. Destacam-se aqui os direitos do professor, o qual possui por lei autonomia para lecionar da maneira que desejar, desde que cumpra com suas atribuições institucionais.

Conforme descrito no artigo quinto da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, parágrafo IX, “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. E, ainda, segundo o Artigo 206 parágrafo III todos temos a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1988).

Em outras palavras, a forma a qual o docente executa sua prática de ensino em busca de criar novos conhecimentos por meio dos seus, é despreendido de qualquer roteiro ou plano descrito e imposto por terceiros, cabe ao profissional docente criar seu plano de ensino e o realizar.

## **TERAPIA OCUPACIONAL E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO**

No momento em que se fala de Terapia Ocupacional, torna-se imprescindível descrevê-la a partir de autores de referência, que fundamentam diversas áreas de intervenção desta profissão para que o leitor compreenda de forma clara quais seus objetivos, atribuições e importância dentro do âmbito profissional.

Para Finger (1986, p. 11) a Terapia Ocupacional “[...] é a arte de ensinar através das atividades e é um estudo integrado dos fatores psicológicos, físicos e sociais”. O qual ainda evidencia que a Terapia Ocupacional “tem a finalidade de constatar fenômenos, analisá-los, numa avaliação que conduz ao aperfeiçoamento das atividades funcionais e senso perceptivo do paciente”.

Indo ao encontro do pensamento de Finger (1986), o autor Silva (2017, p. 32) relata que “observa-se que, independente da técnica, método, instrumental de trabalho utilizado, os terapeutas ocupacionais buscam estimular, desenvolver, melhorar as habilidades físicas, psíquicas e sociais daqueles que estão sob seus cuidados”. Estas aptidões culminam para que esta pessoa consiga voltar às suas ocupações desejadas, sendo estas necessárias e esperadas socialmente.

Neste sentido, a AOTA - American Occupational Therapy Association (2015, p. 1) diz que “profissionais da Terapia Ocupacional usam seu conhecimento sobre a relação transacional entre a pessoa, seu envolvimento em ocupações importantes, e o contexto em que se insere para delinear planos de intervenção - baseados na ocupação”. A associação ainda aponta que “profissionais de Terapia Ocupacional preocupam-se com o resultado final da

participação e, assim, buscam possibilitar o envolvimento através de adaptações e modificações no ambiente ou em objetos que compõem o ambiente, quando necessário”.

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO (2020, s/p.), apresenta seu conceito sobre Terapia Ocupacional descrevendo que esta é uma “profissão de formação superior voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras”. O referido conselho ainda ressalta que a prevenção ou os tratamentos são “decorrentes ou não de distúrbios genéticos, e/ou doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos” (COFFITO, 2020, s/p.).

Dentre as atuações da Terapia Ocupacional existem algumas especialidades designadas segundo o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO (2020), que são elas: a) Terapia Ocupacional em Acupuntura; b) Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares; c) Terapia Ocupacional em Contextos Sociais; d) Terapia Ocupacional em Contexto Escolar; e) Terapia Ocupacional em Gerontologia; f) Terapia Ocupacional em Saúde da Família e; g) Terapia Ocupacional em Saúde Mental. Este Conselho ainda relata que os locais para exercício de suas atividades podem ser “hospitais gerais, ambulatórios, consultórios, clínicas dia, projetos sociais oficiais, sistemas prisionais, instituição de ensino superior, órgãos de controle social, creches e escolas, empresas e comunidades terapêuticas”.

Conforme descrito anteriormente sobre a atuação da Terapia Ocupacional, a qual faz parte o repertório de atividades no contexto educacional, que envolve também o trabalho do professor e suas variáveis, ou seja, condições de trabalho, horas para preparação de planos de aula, aulas executadas, etc. É de grande valia salientar que no contexto educacional esta profissão, conforme Artigo 3, parágrafo primeiro, atua para “identificar as demandas e intervir para que o estudante seja capaz de realizar suas atividades ou ocupações” (COFFITO, 2019, s/p.). Assim, pode-se refletir que um

estudante preparado para realizar suas atividades necessita de um professor tão qualificado quanto ele, para que ambos possam estabelecer um processo de ensino-aprendizagem satisfatório.

O Terapeuta Ocupacional deve estar ciente das diversificadas áreas as quais pode se deparar, e vir a ter necessidade de realizar um plano de intervenção neste contexto, os quais podem ocorrer desde soluções para os profissionais, alunos, familiares, ambientes ou ambos, se tratando de ensino básico, médio e superior. Diante disto, conforme Artigo 6 da Resolução Nº 500 de 26 de dezembro de 2018 “a atuação do terapeuta ocupacional no Contexto Escolar poderá abranger o gerenciamento de serviços, o ensino, a pesquisa e a extensão visando à formação e o aperfeiçoamento das competências e habilidades profissionais [...]” (COFFITO, 2019, s/p. ).

Diante da pandemia SARS-Cov-2 (Covid-19) (WU; WU; LIU; YANG, 2020) que iniciou no ano de 2019 e ganhou força em 2020, o trabalho docente se modificou e pediu novas formas de adaptações, para estudantes de todas as etapas de ensino e para o corpo docente de forma ainda mais impactante, devido à necessidade de mudanças bruscas e carência de preparo para tal ocasião.

De acordo com o exposto até o momento, entende-se a Terapia Ocupacional como parte integrante na contribuição para esta causa, pois compete ao profissional Terapeuta Ocupacional estudar, analisar, verificar, conhecer e, mediante aos fatos, colocar em prática suas execuções no âmbito do contexto escolar, bem como, realizar intervenções, adaptações ou modificações garantindo que toda e qualquer pessoa seja capaz de realizar suas ocupações da melhor forma possível.

## **MÉTODO**



Inicialmente, é apropriado relatar que este estudo respeitou os procedimentos éticos que envolvem realizar pesquisas com seres humanos, baseado na resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que respalda estes aspectos éticos como preservar a identidade dos participantes, garantir sigilo, informar sobre riscos e benefícios e conscientizá-los de que a participação deles não acarretará em ônus algum e que estão aptos a deixar de participar no momento em que não se sentirem à vontade de continuar, além de outros (BRASIL, 2012).

Depois de respeitados os aspectos legais, apresentam-se os resultados de um estudo do tipo exploratório, de abordagem qualitativa, que por meio da técnica de questionário levantou os dados a serem submetidos à análise. O questionário foi composto por perguntas semiestruturadas, dividido em eixos, distribuídos da seguinte forma: Eixo 1 – Caracterização dos participantes, esse eixo visa conhecer o perfil dos participantes da pesquisa; Eixo 2 – Trabalho Docente em tempos de pandemia, esse eixo visa conhecer aspectos do seu trabalho docente perante a pandemia; Eixo 3 – Carga horária para o trabalho docente, esse eixo visa se inteirar das mudanças ocorridas na realização do trabalho docente, se tratando do período dedicado à preparação e execução das aulas.

O questionário aplicado é composto por perguntas abertas para que o profissional pudesse relatar com suas palavras o que lhe foi questionado e perguntas fechadas, nas quais deveriam ser assinaladas somente uma das opções oferecidas, e de múltipla escolha, dando ao participante da pesquisa a opção de assinalar uma ou mais opções. O período de resposta dos profissionais foi outubro de 2020. Como se está em período de isolamento social, para evitar a propagação do SARS-COV-2 (COVID-19) o questionário foi enviado aos gestores dos cursos de graduação da Faculdade Guilherme Guimbala – FGG, Joinville/ Santa Catarina, para que estes encaminhassem o link do questionário para os docentes de seus cursos. A aplicação foi realizada de maneira virtual, sendo elaborado no software Google Formulário.

Para descrever os resultados, optou-se por utilizar a análise de conteúdo, baseada em Bardin (2011), pois se encontraram os referenciais teóricos apropriados para o diálogo acerca dessa técnica de análise de dados que se caracterizam como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Os seguintes critérios de inclusão foram estabelecidos para a seleção dos participantes da pesquisa: ser docente da Associação Catarinense de Ensino – ACE/ Faculdade Guilherme Guimbala – FGG, independente do tempo de atuação na instituição, de ambos os sexos e que aceitassem participar de maneira voluntária. Assim, totalizou-se 100 possíveis participantes, sendo composto por oitenta e cinco professores e quinze supervisores, sendo que alguns destes supervisores exerceram no ano de 2020 a docência e outras estiveram à frente, apenas, dos estágios.

Para preservar a identidade dos professores participantes, estes foram identificados como Docente 1, Docente 2 e assim por diante, designados pela sigla D1, D2 até D36. Vale explicar que os dados coletados foram classificados seguindo os preceitos baseados em Minayo (2015), contemplando as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos dados. A seguir, apresentam-se os achados nesta pesquisa.

Na base de dados Scielo, PubMed e BVS - Biblioteca Virtual em Saúde, com os descritores “ensino superior”, “trabalho docente” e “SARS-Cov-2”, não foram encontradas pesquisas similares ao trabalho aqui realizado, já na base de dados Google Scholar encontramos aproximadamente 45 pesquisas com os descritores citados anteriormente, porém destas somente 8 tem temática semelhante com esta pesquisa, mas com outros enfoques.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise minuciosa dos dados obtidos, foi possível compreender o trabalho docente perante a pandemia, conforme resultados a seguir. Inicialmente foi elaborada caracterização dos participantes sendo que estes correspondem a 85 docentes e 15 supervisores, totalizando 100 possíveis respondentes. Deste total obteve-se 36 respostas que são discutidas a seguir.

### CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES

A caracterização inicia-se pelo sexo dos participantes da pesquisa, sendo 22 (61,1%) de participantes do sexo feminino e 14 (38,9%) do sexo masculino. Este dado corrobora com Melo e Oliveira (2006, p. 138) quando dizem que “o sexo feminino ainda permanece marcado pelo estereótipo do papel dos ‘cuidados’, escolhem as áreas vinculadas à educação, saúde e a assistência social”. Vale ressaltar que há na instituição um curso que não se encaixa na descrição de Melo e Oliveira, e é justamente este onde se encontram a maior parcela de homens.

Dos pesquisados 12 (33,3%) não possuem filhos; 12 (33,3%) possuem 01 filho; 7 (19,4%) possuem dois filhos; 4 (11,1%) têm 3 filhos e 1 (2,8%) docente tem 4 ou mais filhos. Referente aos filhos que ainda moram com o profissional participante da pesquisa é possível identificar que de 26 filhos, 9 (32,2%) são dependentes destes profissionais em suas atividades diárias. Em tempos de pandemia onde as demandas cotidianas foram alteradas e muitas delas tiveram carga horária de trabalho aumentada, se torna outro fator a ser pontuado, devido aos desgastes físicos e mentais vivenciados, apresentando maior dificuldade para que estes responsáveis realizem seus afazeres

trabalhistas em seu ambiente familiar com a mesma qualidade que realizavam nas instituições.

Quanto à formação inicial, há profissionais graduados em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Direito, Educação Física, Farmácia (Análises Clínicas), Fisioterapia, História, Licenciatura Plena em Ciências e Matemática, Pedagogia, Psicologia e Terapia Ocupacional, com formação entre os anos de 1973 a 2016 sendo que alguns professores têm mais de uma formação.

No que se refere às titulações acadêmicas dos participantes, 21 (58,3%) têm como maior titulação acadêmica a especialização, 12 (33,3%) possuem mestrado; 2 (5,6%) com doutorado e 1 (2,8%) tem pós-doutorado. Sendo que 11 (30,6%) profissionais lecionam no curso de Direito, 16 (44,4%) lecionam no curso de Fisioterapia, 6 (16,7%) lecionam no curso de Pedagogia, 6 (16,7%) lecionam no curso de Psicologia e 14 (38,9%) lecionam no curso de Terapia Ocupacional. Vale ressaltar que há professores que lecionam em mais de um curso, por este motivo aparece mais de 36 respostas quando somados.

De acordo com Pimenta e Anastasiou (2002), a pós-graduação oportuniza o aperfeiçoamento nas pesquisas em suas áreas de formação inicial, mas não proporcionam reflexão no trabalho docente. Neste sentido, Gil (2005, p. 15) endossa esse entendimento ao relatar que “possuindo títulos como os de Mestre ou de Doutor, os professores que lecionam nos cursos universitários, na maioria dos casos, não passaram por qualquer processo sistemático de formação pedagógica”.

É importante destacar que 6 (16,7%) profissionais exercem apenas a docência, sendo que 32 (83,3%) têm outros vínculos empregatícios, dentre eles, atendimentos terapêuticos ocupacionais em hospital privado, domiciliares e clínicos, responsáveis técnicos em comércio, atendimentos fisioterapêuticos em consultórios, residenciais e pela prefeitura, atendimentos de advocacia, consultoria, coordenação de projetos culturais, coordenação de serviços privados, atendimento de psicologia em clínicas, aulas de pilates, pesquisa e

vídeos no youtube, assessoria pedagógica, assessoria de direção, policial militar e servidores públicos.

Estes dados proporcionam vislumbrar as demandas trabalhistas para além da docência, e que isto pode ocorrer devido à falta da valorização com a classe de professores. Sabe-se que lecionar não é a atividade melhor remunerada, o que leva estes profissionais a realizar outros trabalhos além de ensinar, ou mesmo trabalhar nos períodos matutino, vespertino e noturno, em busca de uma melhor condição salarial.

Outra informação relevante destacada na coleta de dados foi que de 36 profissionais, apenas 12 (33,3%) não realizaram nenhum tipo de investimento pessoal ou em equipamentos/cursos para se adaptar ou aprimorar a este modelo de ensino remoto. É possível evidenciar que dos 36 participantes desta pesquisa, 4 (11,1%) atuam na docência do ensino superior há mais de 26 anos, 20 (55,6%) atuam entre 7 e 25 anos, 7 (19,4%) atuam entre 4 e 6 anos e 5 (13,9%) atuam dentro do período de 3 anos ou menos.

Deste modo, temos 3 docentes com até 3 anos de docência que se encaixam na fase nomeada por Huberman de fase de “exploração” e descoberta do novo; 7 docentes na fase de 4 a 6 anos, chamada fase de “estabilização” e 20 professores de 7 a 25 anos de docência estão fase da “diversificação”, momento em que “as pessoas lançam-se então numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências de programa, etc” (HUBERMAN, 2007, p. 41).

## **TRABALHO DOCENTE E CARGA HORÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Visto que dos profissionais participantes da pesquisa 18 (50%), tiveram em sua formação inicial ou continuada, acesso a informações com temática voltada a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), e os outros 18 (50%) não tiveram este acesso, fica evidente a falta de instrução na formação inicial

para que os mesmos criassem e adaptassem suas aulas lançando mão da tecnologia.

Para tentar amenizar esta situação, foi ofertada pela instituição uma formação para lidar com estas novas metodologias de ensino, mesmo que com orientações básicas, voltadas à operacionalização dos sistemas institucionais internos (treinamento da biblioteca digital, treinamento do uso da plataforma Google Classroom e do Mentor). Salienta-se que 24 (66,7%) dos docentes não possuem interesse em realizar estudos para aprimorar seus conhecimentos tecnológicos e 12 (33,3%) possuem interesse.

Sobre produzir materiais, foi unânime a resposta dos participantes quando questionados sobre a necessidade de produção de novos materiais para as aulas, como apresentado no relato de D25: “foi necessário mudar de estratégia cognitiva”. Assim como para D34 que argumenta que “sim, foi inevitável produzir e, sobretudo, adaptar tudo o que já tinha, pois há necessidade de lecionar sem perder qualidade e para isto foi necessário reinventar nosso modo de ser docente”.

Entre as estratégias de ensino adotadas pelos docentes, a pesquisa aponta que estes buscaram mais de um recurso para lidar com as aulas remotas, sendo especificado que 32 (88,9%) dos profissionais utilizaram videoaulas, 25 (69,4%) fizeram uso de videochamadas, 25 (69,4%) criaram grupos de whatsapp para suas disciplinas, 19 (52,8%) empregaram leituras dirigidas, 15 (41,7%) realizaram demonstração de aulas práticas de sua casa, 1 (2,8%) utilizou slides narrados em power point, 1 (2,8%) fez gravação, 2 (5,6%) lançaram mão de filmes, vídeos e canal no youtube, 1 (2,8%) utilizou apostila para material de apoio e exercícios didáticos, 1 (2,8%) fez fragmentação do conteúdo para facilitar a aprendizagem, 1 (2,8%) utilizou atividades via Google, 1 (2,8%) utilizou vídeos prontos enviados no whats , e 1 (2,8%) realizou produção de vídeos.

Para D10, uma dificuldade foi o “Espaço próprio e instabilidade da internet. Alguns alunos não têm acesso à internet para visualizar todas as aulas”. Assim, percebe-se que devido ao uso da internet para criação de

conteúdo de maneira digital, houve sobrecarga na utilização desta, o que gera instabilidade da rede e por vezes impede que os docentes possam realizar suas atividades como programadas inicialmente, ou seja, o que se tinha de conteúdo no ensino presencial necessitou ser adaptado para o ensino remoto e, algumas vezes, este material precisou ser readequado.

Quanto às questões de trabalho, 32 (88,9%) dos docentes relatam que suas demandas de trabalho aumentaram, e 4 (11,1%) informam que mantiveram. Assim, entende-se que apenas as demandas aumentaram e o tempo remunerado para realização destas atividades permaneceu os mesmos.

A maioria informa que os horários das aulas se mantiveram por meio da aula online, utilizando do mesmo horário das presenciais, conforme solicitação da instituição e dos estudantes. A docência vai muito além do estar em sala de aula, existe todo um planejamento, estudos e dedicação para se chegar no momento de compartilhar seus conhecimentos, sem contar as demais demandas burocráticas institucionais, as quais o docente deve realizar.

Colabora com esta ideia, a participante D1 quando diz que um dos principais desafios encontrados para o exercício da docência durante a pandemia foi “[...] as aulas remotas, com certeza. Aprender novas tecnologias na marra, se reinventar pra ter atenção dos alunos [...]”. Esta docente ainda completa “Com certeza um grande desafio, mas que me considero bem mais preparada para outras dificuldades. Foi bom pra sairmos da zona de conforto”. Para D3 os desafios encontrados foram “Conciliar cuidados domésticos, escolar e trabalho. Separar os horários para cada uma das tarefas”.

Diante do contexto abordado, Hypolito (2011) reflete que a intensificação do trabalho docente está diretamente ligada ao ritmo, tempo e carga de trabalho. Corroborando com este autor e ampliando este entendimento, Dal Rosso (2006) retrata que o enfoque deve ser o trabalhador e não os recursos que este dispõe para realização de suas tarefas, pois há desgaste físico, psíquico e intelectual deste trabalhador.

Para D5, “Manter os alunos atentos, interessados e engajados; conseguir articular o tempo entre perguntas e respostas, que o vídeo não permite sobreposição de voz (gera ruído); não conseguir demonstrar fisicamente ou construir simulação do setting terapêutico” também foram questões citadas como desafiadoras pelos docentes.

Ainda em relação aos desafios D14 acrescenta, “A falta de contato e a interação com os alunos”. D15 pontua que “Os alunos participarem das aulas em tempo real”, já D16 traz a seguinte preocupação: “Ter certeza de que os alunos assimilaram os conhecimentos”. Nesta linha, D17 relata como desafio “Manter o engajamento dos estudantes, ser criativo, estar com a saúde mental em dia, pensar em ferramentas de avaliação da aprendizagem adequadas”.

Chama atenção o relato de D31 quando fala que:

Minha disciplina tem restrições do Conselho Federal de Psicologia com relação ao ensino remoto dos testes psicológicos. A falta de cooperação dos alunos em abrirem suas câmeras para tornar a relação mais próxima. Não poder dissociar o ambiente doméstico do ambiente de trabalho. Infindáveis mensagens da coordenação e acadêmicos, e a necessidade de trabalhar muito mais do que no ensino presencial.

Diante do aumento dos serviços prestados pelos docentes à instituição, perguntamos aos mesmos se tiveram *feedback* dos gestores e estudantes durante esse processo de adaptação em relação ao processo em si. A devolutiva em relação aos gestores foi que 28 (77,8%) receberam algum *feedback* dos gestores e 8 (22,2%) não receberam nenhum tipo de *feedback* dos gestores neste período de adaptação. Vale ressaltar que os gestores também são professores de seus cursos, o que nos permite inferir que a demanda para estes trabalhadores aumentou substancialmente.

Em relação aos acadêmicos, apenas 1 (2,8%) dos docentes relata que não houve devolutiva dos acadêmicos, os demais 35 (97,2%) informaram que tiveram algum tipo de *feedback* dos alunos e que através disto ajustaram suas



aulas. Este retorno serviu como reconhecimento, como relata D34: “A compreensão e o reconhecimento de vários deles foi que nos deu força para continuar trabalhando arduamente para dar conta desta situação”.

Ao fim do formulário foi deixado espaço para que o docente expressasse suas opiniões e sugestões em relação ao trabalho aqui realizado, que não foram contempladas nas questões anteriores, e neste momento ficou evidente a sobrecarga física e principalmente mental sofrida pelos profissionais diante deste novo contexto, como relata D23: “Foi e está sendo um desafio. Porém está sendo uma oportunidade para evolução e crescimento pessoal e profissional”. O docente 26 relata que:

Tudo foi inesperado, novo, portanto tivemos que nos adaptar às novas situações juntamente com os alunos, analisando novos conteúdos, mais dinâmicos, verificando no plano de ensino o que realmente podia ser abordado com os alunos, reduzindo temas e passando o que realmente eles precisam saber, para que não fosse tedioso e os mantivessem interessados na próxima aula (D26).

Assim como os professores precisaram se reinventar, D10 expõe sua opinião de que “Os alunos também precisam organizar-se para acompanhar as aulas, principalmente, as aulas no formato remoto”. Este participante ainda relata que:

O aprendizado não ocorre somente em sala de aula, seja no formato presencial quanto no remoto, mas sim, complementa-se com leitura, pesquisa e estudo e prática diária, então é preciso mudar o comportamento para construir o senso crítico, a reflexão e promover a construção do conhecimento, lembrar que professores e alunos devem caminhar juntos nesse sentido!

Na fala de D18 encontramos desabafo e frustração, pois este participante revela que “uma vez que atuamos em uma instituição de ensino particular, compreendo que o aluno é o cliente”. Este participante ainda relata que

“durante a pandemia, foram solicitadas inúmeras vezes para que os professores compreendessem as dificuldades dos alunos, não aplicar diário de frequência, não exigir demais dos alunos, pois eles estavam se adaptando” (D18).

Continuando o pensamento de D18, foi explicado que:

Em nenhum momento foi perguntado ou dada a escolha para o professor - nós não tivemos escolhas, independente do estresse, da ansiedade, dos filhos em casa, do sinal da internet, da exagerada carga horária, nós tivemos que estar presentes, trabalhando, passando conteúdo. Sem dúvida a pandemia afetou a todos nós, mas alguns foram acolhidos outros acolheram.

Neste sentido, salienta-se a fala de D31, quando expressa:

A falta de amparo a respeito do adoecimento emocional dos professores para a manutenção na qualidade do ensino. Penso que um trabalho de apoio da instituição poderia ser ofertado com a participação de um psicólogo ou assistente social promovendo rodas de conversa; além de um engajamento do setor de TI no sentido de realizar periodicamente encontros para discussão de estratégias inovadoras no ensino.

Logo, tendo estes dados deve-se atentar à sobrecarga de cobranças feitas a estes profissionais, devemos lembrar que suas vidas, seus papéis ocupacionais, vão além de sua atuação como docente, e que a junção de todas elas pode sim vir a desenvolver doenças físicas ou emocionais, ou até mesmo ambas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se compreender com esta pesquisa que o profissional docente vive em constante evolução de ensinamentos e aprendizados, está sempre se reinventando

para melhor compartilhar e criar conhecimentos, e mesmo assim não é valorizado da forma que deveria dentro da sociedade, o que ficou ainda mais claro neste contexto pandêmico.

A sociedade em geral não era totalmente adepta ao uso das ferramentas tecnológicas para o ensino e, com isto, discentes e professores encontraram dificuldades nesta nova demanda. É perceptível que houve maior impacto e cobrança para com os docentes principalmente, pois, tanto as instituições quanto os discentes os cobraram sem se atentar que uso dessas ferramentas foi repentino e novo para todos.

Fica também a compreensão da importância da profissão do Terapeuta Ocupacional na vida das pessoas, entende-se com clareza que este pode atuar em todas as áreas da vida humana que envolvam a ocupação do ser humano, buscando sempre soluções, adaptações e intervenções para que executemos da melhor maneira nossas atividades rotineiras.

Esta profissão busca valorizar e incentivar que as pessoas conheçam e recorram aos seus direitos constitucionais, maximizando a autonomia e independência resultando em melhores condições de vida. Voltado a esta pesquisa, o Terapeuta Ocupacional pode atuar no contexto escolar, intervindo na organização da rotina, no ambiente e, claro, no bem-estar físico, psíquico, social e espiritual dos docentes.

Ao retomar o objetivo desta pesquisa que consistia em conhecer a percepção de professores no ensino superior sobre a nova rotina docente em decorrência do SARS-Cov-2 (Covid-19), visto que repentinamente ocorreu mudança em seus planos de ensino, bem como em suas rotinas ocupacionais, atingindo diretamente sua didática de trabalho, é possível afirmar que este objetivo foi alcançado.

Dos 100 profissionais atuantes na Faculdade Guilherme Guimbala - FGG, 36 responderam ao questionário, o que nos leva a observar uma baixa participação dos profissionais, que pode ser um indício do esgotamento de qualquer atividade que envolva a tecnologia, com possível resultado da

utilização em excesso desta nos últimos tempos, pois a mesma passou a estar presente em suas rotinas não somente nos momentos de lazer, ou em algumas horas de estudos e trabalhos, mas sim como principal meio de comunicação e realização de suas ocupações, tornando sua maior aliada.

Por meio de bibliografia consultada e método proposto foram compreendidos os anseios dos professores, o impacto que o período da pandemia exerceu no trabalho docente e conhecer a rotina destes docentes que têm diversas ocupações além da docência. É necessário entender que este período ainda não finalizou, ou seja, ele ainda acontece e pode gerar novos resultados.

Com aprofundamento nas questões docentes é possível elaborar outras reflexões para esta pesquisa, o que demanda tempo e dedicação para leitura, estudos complementares, pesquisas e aplicações de outras metodologias, o que neste momento de isolamento não é viável. Assim, sugerem-se pesquisas para conhecer como os docentes que são pais, mães e que tem mais de um vínculo profissional dão conta das demandas que aparecem, ou como estão lidando para manter sua saúde física e mental, o que pode colaborar na qualidade do ensino.

Ressalta-se que a busca por outros estudos com a temática aqui apresentada para poder comparar dados foi desafiador, pois como é uma temática recente há poucas publicações nesta área, o que evidencia a importância desta pesquisa que possibilitou gerar dados para futuras comparações.

## REFERÊNCIAS

AOTA - AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 24 abr. 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed.70. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 20).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 23 maio 2020. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. **ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso em: 23 maio 2020.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Revoga as resoluções do Conselho Nacional de Saúde n. 196/96, 303/2000 e 404/2008 e aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2020.

COFFITO – Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. **Definição de Terapia Ocupacional**. Disponível em: <[https://www.coffito.gov.br/nsite/?page\\_id=3382](https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382)>. Acesso em: 31 maio. 2020.

COFFITO - Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 500, de 26 de dezembro de 2018 - Reconhece e disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, define as áreas de atuação e as competências do terapeuta ocupacional no Contexto Escolar e dá outras providências. Publicado no Diário Oficial da União em 25 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

DAL ROSSO, Sadi. Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde. Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 65-92, março de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 10 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462006000100005>.

FINGER, Jorge Augusto Ortiz. **Terapia Ocupacional**. São Paulo: Sarvier, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional do professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Reorganização Gerencialista da Escola e Trabalho Docente. Artigo. Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981- 8106. Educação: Teoria e Prática – Vol. 21, n. 38, Período out/dez-2011.

MELO, Hildete Pereira, OLIVEIRA, André Barbosa. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, N. 27, pp.301-331, jul-dez. 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Pandemia de doença por coronavírus (COVID-19)**. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Derivan Brito da. **A TERAPIA OCUPACIONAL NO BRASIL NA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA**. 2017. 478 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TOLEDO, Cláudia Mansani Queda de. Direito à liberdade de cátedra. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.). Tomo: Direito Administrativo e Constitucional. Vidal Serrano Nunes Jr., Maurício Zockun, Carolina Zancaner Zockun, André Luiz Freire (coord. de tomo). 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/102/edicao-1/direito-a-liberdade-de-catedra>. Acesso em 20 jun. 2020.

WU, Di; WU, Tiantian; LIU, Qun; YANG, Zhicong. The SARS-CoV-2 outbreak: what we know. **International Journal Of Infectious Diseases**. Amsterdã, p. 44-48. abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.03.004>. Acesso em: 19 abr. 2020. Traduzido por Flávia Renata Ropelatto Pires e Sofia Mitsue Ishie.

**Jelson Budal Schmidt**

Mestre em Educação, pós-graduado em Libras, pós-graduado em Educação Especial Inclusiva, graduado em Educação Física (bacharelado e licenciatura). Docente da Faculdade Guilherme Guimbala e Centro Universitário IELUSC. jelson.schmidt@fgg.edu.br.

**Francielle Maes Lopes**

Graduada em Terapia Ocupacional pela Faculdade Guilherme Guimbala. francielle.maes.lopes@fgg.edu.br.

**Sabrina Luana Pereira**

Mestre em saúde mental e atenção psicossocial, Especialista em Saúde Mental e Dependência Química e Graduada em Terapia Ocupacional. Docente da Faculdade Guilherme Guimbala. sabrina.pereira@fgg.edu.br

**Recebido em 17 de novembro de 2020.**

**Aceito em 28 de dezembro de 2020.**